



Direito ao trabalho

Debate Crise e alternativas Eugénio Viassa Monteiro

Ninguém duvida dele. Vive-se, contudo, num clima de angústia, porque o trabalho escasseia, as indústrias fecham e vão para onde os custos são mais baixos. É um direito que o Ocidente, após um longo período de conforto e pleno emprego, está a questionar. O ritmo de perda de “direitos adquiridos”, para viabilizar parte das empresas, aumenta a sensação de desprotecção e pânico, para quem se habituara a tudo reclamar e ter sem demoras. Os direitos, que eram um sinal de progresso, são como uma ameaça fatal, que encarece o trabalho e torna a produção de bens e serviços proibitiva aqui, em comparação com países que têm menos direitos e produzem bens e serviços, com qualidade, a um custo muito inferior.

Aquando da primeira revolução industrial, protagonizada pela energia do vapor, parecia inevitável uma redução de mão-de-obra; também na revolução informática ainda em curso, parecia que os computadores tornariam obsoleta muita mão-de-obra. De facto deslocaram-na e criaram muito mais trabalho para fazer as máquinas e computadores e para os programar, com *software* que permita cálculos mais complexos e rápidos. Há, obviamente, a fase da transição, de adaptação às novas circunstâncias.

Em todos os períodos conturbados o homem soube encontrar caminhos de avanço sobre a situação anterior: maior produtividade, menos desgaste físico e mais eficiência no uso dos recursos. Daí que também a globalização actual deixe antever, para além das angústias do presente, que algo positivo vai acontecer; efectivamente, já está a acontecer e pode vê-lo quem tenha uma perspectiva um pouco mais ampla.

Os países ricos, com uma população de menos de 40% do globo, têm rendimentos *per capita* acima dos \$25.000/ano; os outros 60% penam sofridamente com rendimentos de miséria, que mal chegam à média de \$5000/ano, havendo neles, até há pouco, mais de 2000 milhões a viverem abaixo do limiar da pobreza (com menos de \$1,25/dia), em condições inumanas! Houve neles governantes que criaram condições para a população – depauperada e desorganizada pelo colonialismo – aprender, trabalhar bem ganhando pouco e criar produtos e serviços a custos muito baixos, que entraram facilmente nos mercados da economia global. Isso trouxe-lhes algum alívio, embora o desnível com os países ricos continue notório.

Dizia o *The Economist* que, em 1990, 43% da população dos países em desenvolvimento vivia abaixo do limiar da pobreza (< \$1/dia); em 2010 eram apenas 21% (<\$1,25/dia). A pobreza global foi reduzida a metade em 20 anos; agora o desafio é eliminar toda a pobreza até ao ano 2030!

As possibilidades de criar riqueza são reais. E ela dá para todos viverem muito bem. Tem de haver equilíbrio: quem tem muito terá de abdicar de excessos, porque fazem falta a outros. Após ajustamentos dolorosos é de esperar uma vida digna para todos. Talvez nunca a humanidade tivesse vivido tempos de optimismo assim.

Professor da **AESE**. Autor do livro *O Despertar da Índia*